

Cmp 21.10 3.22

Paulista de quatrocentos anos

Odilon Nogueira de Matos

Em sua apreciadíssima seção "Contraponto", da "Folha de São Paulo" do dia 11 do corrente, o sr. Sebastião Nery, incansável rebuscador do que ele denomina "folclore político brasileiro", referiu-se a incidente ocorrido na sessão de instalação da Assembléia Constituinte de 1933 (dia 15 de novembro), a segunda da República e primeira após a Revolução de 1930. Para as eleições a essa Assembléia, São Paulo conseguiu reunir suas maiores forças políticas, antes dispersas pelo Partido Republicano Paulista e pelo Partido Democrático, no que se denominou "Chapa Unica Por São Paulo Unido", que conseguiu eleger praticamente toda a bancada paulista, com exceção de uns poucos elementos que preferiram terçar armas por outras agremiações. Narra o sr. Sebastião Nery que, discursando em nome da bancada paulista, de que era líder, na própria sessão de instalação da Assembléia, Alcântara Machado proferiu entusiástico discurso, empregando pela primeira vez a expressão "Paulista sou há quatrocentos anos", que desde então se tornou tão famosa. Com essa frase, queria o grande jurista referir-se ao fato de descender de um dos companheiros de Martim Afonso de Souza, chegado a São Vicente na arribada gloriosa de 1532. Oswaldo Aranha, gaúcho, mas de tradicional família paulista, teria retrucado ao orador, afirmando que ele descendia de troncos ainda mais antigos. A sessão transformou-se em tumulto, obrigando a presidência a suspender os trabalhos. E remata o sr. Sebastião Nery afirmando: "E foi assim que nasceu a expressão paulista de 400 anos".

Há, aqui, evidente engano do brilhante jornalista. A frase famosa, Alcântara Machado empregou-a pela primeira vez em seu discurso de posse na Academia Brasileira de

Letras, no dia 20 de maio daquele mesmo ano de 1933, portanto seis meses antes da sessão da Assembléia Constituinte, a que se refere o cronista. Foi nessa data, pois que nasceu a expressão "Paulista de 400 anos". Pode ser que Alcântara Machado, se realmente discursou na sessão de instalação da Assembléia Constituinte (o que parece pouco provável), tenha empregado novamente a frase. Não estou negando e nem duvidando. Apenas quero lembrar que a prioridade dela cabe ao discurso de posse na Academia Brasileira, seis meses antes.

Além, convém recordar o contexto em que ela se insere, no discurso que é uma das mais belas páginas da oratória brasileira: "Assim, nem por gracejo se lembraria alguém de pôr em dúvida o meu brasileiro. Paulista sou, há quatrocentos anos. Prendem-me ao chão de Piratininga todas as fibras do coração, todos os imperativos raciais. A mesa em que trabalho, a tribuna que ocupo nas escolas, nos tribunais, nas assembléas políticas deitam raízes, como o leito de Ulisses, nas camadas mais profundas do solo em que dormem para sempre os mortos de que venho. A fala provinciana, que me embalou no berço, descansada e cantada, espero ouvi-la ao despedir-me do mundo, nas orações da agonia. Só em minha terra, de minha terra, para minha terra, tenho vivido; e, incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso".

O contexto em nada autoriza a deformação que frequentemente se faz da bela frase, como ocorreu, por exemplo, com o sr. R. Magalhães Júnior, na primeira edição de seu precioso "Dicionário de Provérbios", no qual deu a ela sentido completamente diferente do que na realidade possui.

Correio Popular - 29-V-1981